

CULTURAS LOCAIS E TENSÕES GLOBAIS: Uma leitura a partir das contribuições de Homi Bhabha

O enfoque evolucionista caracterizou as escolas antropológicas que concebiam cultura como conjunto de hábitos e costumes pré-existentes e passíveis de serem adquiridos e compartilhados entre membros de grupos como teorizado por Edward Burnett Tylor (1832-1917) foi rechaçado. Teorias que favoreceram a compreensão objetificada de cultura como algo passível de ser adquirido foi fortemente abalada por perspectivas pós-estruturalistas a partir de uma abordagem discursiva dos fenômenos culturais.

Tais aportes teóricos colocam em questão a ideias de cultura objetificada, original e estanque para pensar cultura como processo de enunciação, como produção pela e na linguagem. Na produção de novas significações de cultura Homi Bhabha (2019) é um dos autores que se destaca ao assumir uma perspectiva pós-colonial a partir da qual desenvolve uma teorização em que a compreensão de cultura se desloca de uma perspectiva de *diversidade* (compreendida como objeto epistemológico/conhecimento empírico) para pensar cultura implicada na produção de *diferença* (entendida como processo de enunciação circunscrita em uma perspectiva/lógica *a posteriori*). Ao pensar cultura como enunciação Bhabha (2019) assume cultura como fluxo, como processo incessante de significação sobre o mundo que possibilitam ao ser humano estar no mundo.

No entanto, como lembra Macedo (2015), apoiada em Bhabha (2019), a redução da diferença à diversidade contribui pouco para o rompimento com a classificação, assimilação e exclusão e inclui. Ou

ainda nas palavras de Rita Schmidt (2011, p. 23) ao afirmar que quando a cultura é vista como *diversidade*, “o epistemológico ainda está preso ao pressuposto do círculo hermenêutico cuja tendência é considerar a descrição da cultura em termos de uma totalidade, autônoma e autossuficiente”. Por outro lado, na perspectiva da *diferença*, a cultura passa a ser significada como uma “*prática enunciativa*, uma atividade de articulação humana que, por ser dialógica, tem condições de mapear os processos de desarticulações e realinhamentos que ocorrem no campo cultural” (SCHMIDT, 2011, p. 23).

Operando cultura como prática de enunciação Bhabha (2011) desenvolve a ideia de hibridismo como lugar que “possibilita o surgimento de um agenciamento “intersticial”, que recusa a representação binária do antagonismo social” (2011, p. 91). E propõe o *Terceiro-espaço* como uma forma “de *hibridismo*” que possibilita “novas posições e negociações de sentido e de representação” e pode ser “comparado a sua definição de trabalho fronteiriço da cultura, uma arte que renova o passado, refigurando-o como um entre-lugar contingente, que inova e interrompe a atuação do presente”. Terceiro Espaço, como defende Bhabha (2019, p. 68) “constitui as condições discursivas da enunciação que garantem que o significado e os símbolos da cultura não tenham unidade ou fixidez primordial e que até os mesmos signos possam ser apropriados, traduzidos, re-historicizados e lidos de outro modo”.

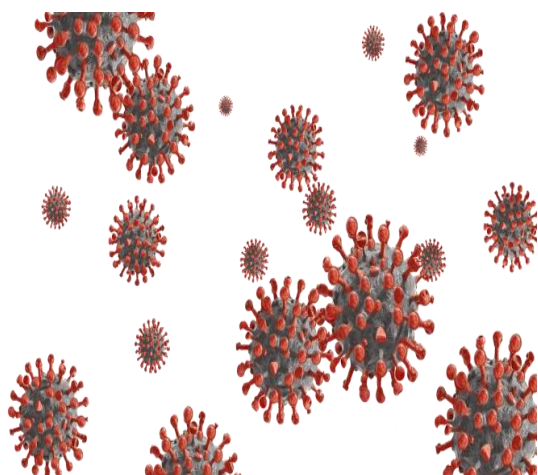
A partir dessa “re-historicização”, se olharmos para a globalização hoje, tal qual outrora olhávamos para colonização, veremos que ambos são marcados por novos “processos de marginalização” (SCHMIDT, 2011, p. 9) agravados por orientações econômicas supranacionais formuladas por agências como o Banco Mundial, por exemplo que produzem e reproduzem “uma economia dualista, com bolsões de riquezas e pobreza, fato que torna as sociedades menos favorecidas as mais vulneráveis à “política da

condicionalidade””, entendida como “um conjunto de imposições coercivas que impossibilitam as parcerias igualitárias” (SCHMIDT, 2011, p. 58). Essa visão de Schmidt é partilhada por Bhabha (2011) que entende que “os mercados mundiais [...] se movem rápida e selectivamente de uma ilha de prosperidade [...], visivelmente prestando pouca atenção à desigualdade persistente e à miséria produzida por esse desenvolvimento desigual e irregular” (p.178) nos domínios locais.

No entanto, são processos complexos que não podem ser apreendidos apenas como resultado de influências externas, desconsiderando as articulações entre interesses globais e locais que, localmente, colocam essas políticas em funcionamento. Assim como, desconsiderar as articulações globais e locais que operam de forma a resistir e criar constrangimentos para a efetivação dessas políticas.

É fato que culturas locais sofrem imensas pressões no processo de reorganização do capitalismo mundial. Reorganização que tem aprofundado as desigualdades entre nações e internamente contribuiu para a exclusão de milhões de pessoas, em especial nas nações periféricas. Um quadro que a pandemia do COVID-19 tornou ainda mais explícito. No entanto, esses processos não ocorrem sem resistências, tanto em países centrais como em países periféricos.

<https://www.euroscientist.com/coronavirus-covid-19-a-master-science-class/>



As manifestações ocorridas no último Primeiro de Maio na França que levaram milhares de pessoas às ruas exigindo justiça econômica e social, assim como as manifestações que têm parado a Colômbia com a organização de protestos contra a reforma

tributária defendida pelo governo, são demonstrações de resistência que também não se explicam apenas localmente.

Não é só o capital neoliberal que se globaliza. As resistências a ele também se globalizam. Por outro lado, assim como as orientações neoliberais supranacionais são articuladas a interesses locais. As estratégias de resistência circulam pelo mundo e se reconfiguram em novas formas de resistências adequadas às demandas de grupos locais.

Tensionamentos locais não são apenas efeitos de ações globais. Nas fronteiras entre o global e local ocorrem infinitas negociações, emerge o *Terceiro-espaco* e frequentemente “violam o compromisso mais profundo do liberalismo de representar a diversidade cultural como uma escolha plural” (BHABHA, 2011, p. 83). E essa violação fronteiriça protagonizada pelo processo de diferença cultural é o que possibilita a hiperpolitização das disputas por significação que é fundamental para a construção cotidiana da democracia e da justiça social.

Referências:

BHABHA, H. **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

BHABHA, H. **O Bazar global e o clube dos cavalheiros ingleses**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

MACEDO, E. Base nacional comum para currículos: direitos de aprendizagem e desenvolvimento para quem? **Educ. Soc.**, Campinas, v. 36, nº. 133, p. 891-908, out.-dez., 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v36n133/1678-4626-es-36-133-00891.pdf>. Acesso em: 06 mai. 2021.

SCHIMIDT, R. T. O pensamento-compromisso de Homi Bhabha: notas para uma introdução, p.13-61. In: BHABHA, H. **Bazar Global e o clube dos cavaleiros ingleses**. Rio de Janeiro, Rocco, 2011.

Sobre o autor:

Hermínio Ernesto Nhantumbo: Doutorando no Programa de Pós-graduação da UERJ (ProPEd/UERJ). Bolsista do PEC-PG- CNPq.